

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA  
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO - CENFLE  
CURSO DE LETRAS**

**ANTÔNIA SAMILA RODRIGUES DE SOUSA**

**A MULHER NA LITERATURA: UM ESTUDO DE *SENHORA*, DE JOSÉ DE  
ALENCAR**

**SOBRAL – 2016**

**ANTÔNIA SAMILA RODRIGUES DE SOUSA**

**A MULHER NA LITERATURA: UM ESTUDO DE *SENHORA*, DE JOSÉ DE  
ALENCAR**

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Maria Elisalene Alves dos Santos.

**SOBRAL – 2016**

**A MULHER NA LITERATURA: UM ESTUDO DE *SENHORA*, DE JOSÉ DE  
ALENCAR**

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

---

Antônia Samila Rodrigues de Sousa

Artigo aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. MSc. Maria Elisalene Alves dos Santos (UVA)

1<sup>a</sup> Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. MSc. Cristiane Melo Nobre (UVA)

2<sup>a</sup> Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof. MSc. Ângelo Bruno Lucas de Oliveira (UVA)

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Candice Helen Glenday (UVA)

Coordenadora do Curso de Letras

Dedico este artigo primeiramente a Deus, que me deu a grande oportunidade de poder estudar e realizar meus sonhos; e à minha família, que me forneceu o apoio necessário para que esse objetivo fosse alcançado.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Elisalene Alves, que sempre foi uma grande inspiração para meus estudos, e que ajudou de forma significativa para que essa pesquisa fosse realizada;

Aos professores Cristiane Melo Nobre e Ângelo Bruno Lucas de Oliveira, que aceitaram participar da Banca Avaliadora deste trabalho.

## A MULHER NA LITERATURA: UM ESTUDO DE *SENHORA*, DE JOSÉ DE ALENCAR<sup>1</sup>

SOUSA, Antônia Samila Rodrigues de<sup>2</sup>

SANTOS, Maria Elisalene Alves dos<sup>3</sup>

### RESUMO

A pesquisa em questão é de cunho bibliográfico e tem como objeto de estudo a obra **Senhora**, de José de Alencar. Na referida obra, discutimos o tema da mulher na literatura e surgiu da necessidade de se estudar o modo como as mulheres eram vistas na literatura e na sociedade do século XIX. O principal objetivo da pesquisa é mostrar como José de Alencar valorizou a figura feminina, temática pouco trabalhada nos autores da época. O trabalho foi embasado nos seguintes teóricos: Bosi (2006), Coutinho (2004) e Hanher (2003). Para uma melhor compreensão leitora, foi dividido em duas seções: uma tratou da condição da mulher na literatura; a outra foi direcionada à obra **Senhora**. Acreditamos que esse trabalho contribuirá de forma significativa às pesquisas relativas à obra de José de Alencar no Curso de Letras da UVA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira. Condição da mulher. **Senhora**.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em analisarmos a condição da mulher na obra **Senhora**, de José de Alencar. Atentamos, principalmente, à personagem principal, Aurélia Camargo.

A escolha da obra como objeto de estudo aconteceu durante a disciplina Literatura Brasileira do Romantismo ao Simbolismo. Na leitura realizada, percebemos que seria possível desenvolvermos o tema aqui proposto. No decorrer da leitura, constatamos que as mulheres da literatura, assim como as da sociedade do século XIX são, na maioria das vezes, descritas de acordo com os conceitos estabelecidos pela sociedade vigente, a burguesia. Esta, por ter uma tradição patriarcal e religiosa, conferia às mulheres os papéis menos importantes. Elas, na maioria das vezes, comportavam-se como submissas aos

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina de TCC como requisito parcial para obtenção do Título de Graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras- Português da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

<sup>3</sup> Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

seus “superiores” (pai, irmãos e marido), servindo apenas para procriação e afazeres domésticos.

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica que, de acordo com Rocha e Bernardo (2011, p.88), “[...] é aquela feita a partir de bibliografia variada, ou seja, engloba livros, revistas, jornais, publicações técnicas, dentre outras fontes escritas”. A metodologia deu-se, inicialmente, pela leitura de **Senhora**. Em seguida, foram destacados trechos da obra em estudo que apontavam para a escolha do tema investigado. Logo após, buscamos aparato teórico com o objetivo de desenvolvermos a temática. Por fim, partimos para a escrita do artigo que foi dividido em duas seções. Na primeira, foi discutida a condição da mulher na literatura do século XIX a partir das discussões teóricas de Cantele (1996); Ferreira (2002) e Hahner (1981), dentre outros autores. Na segunda seção, aplicamos as questões teóricas, expostas na primeira seção, em **Senhora**.

Apesar de o tema desta pesquisa ser recorrente no meio acadêmico, acreditamos que este trabalho poderá contribuir de forma significativa com os futuros artigos desenvolvidos, no curso de Letras da UVA, sobre a obra **Senhora**.

## 2 O PAPEL DA MULHER NA LITERATURA

Ao longo da história, as mulheres sempre foram vistas como incapazes e inferiores aos homens, quer fosse pai, irmão ou marido. O papel da mulher estava restrito apenas à procriação e ao trabalho doméstico. Estudar era algo desnecessário e distante da realidade das jovens, pois o que os pais queriam para as filhas era um bom casamento. A educação estava restrita apenas aos bons modos, à música e a um pouco de francês, nada além daquilo que elas precisariam para serem boas donas de casa e boas esposas.

[...] Devido às funções que a sociedade atribuía às mulheres naquela época, dava-se pouca importância à instrução feminina. Bastava lhes

aprender as primeiras letras, um pouco de cálculo, corte e costura, bordado, regras de boas maneiras, dança e artes culinárias. (CANTELE, 1996, p. 126)

Durante muito tempo, as mulheres tiveram um papel coadjuvante na sociedade. Como foi citado, seus papéis eram sempre os mais irrelevantes. Elas não podiam mostrar seu potencial e, por mais que fizessem atos revolucionários, tinham suas histórias rebaixadas ou apagadas. Não raro encontramos narrativas sobre esse tema, como na história de Maria Quitéria de Jesus, que lutou vestida de soldado pela pacificação da Bahia. Citamos também a freira Joana Angélica que morreu tentando impedir a invasão de soldados ao convento. Há ainda Xica da Silva que sempre esteve à frente do marido. Histórias como essas não são lembradas na história como de fato merecem.

Por muitos anos as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na sociedade brasileira, como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado, e a própria existência de fenômenos como o movimento pelos direitos da mulher no Brasil do século XIX. (HAHNER, 1981, p. 24)

Historicamente, as mulheres sempre tiveram suas vozes suprimidas pela sociedade, tudo lhes era limitado, quer fosse ação ou sentimentos. Como bem aponta Beauvoir (1960, p. 9): “A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”. Ao homem confere o absoluto, aquele que nunca erra, às mulheres restam apenas a submissão cativa e o dever de não poder dar opiniões. Vale salientarmos que por mais que as mulheres fossem impedidas de tomar qualquer decisão, sempre houve mulheres dispostas a mostrar o seu valor e, mesmo que não tenham conseguido esse feito em sua época, agregaram muitos pensamentos que serviram como sementes, vindo a germinar no século XX que, por sua vez, mostrará não a emancipação feminina mas suas grandes e significativas conquistas. Estas foram protótipos iniciados no século XIX.

Com a ascensão da burguesia, a mulher passou a estar presente na literatura e esse papel sempre esteve atrelado aos paradigmas burgueses, ou seja, a seus princípios:

[...] a grande maioria de escritores, na ascensão da burguesia eram homens que se empenharam na construção de um modelo de mulher burguesa; na realidade, construíram três tipos de comportamento (modelo): a mulher-anjo, a mulher-sedução (ambas aceitas pela sociedade) e a terceira, a mulher-demônio, a excluída porque representava a mulher tentação (FERREIRA, 2002, p. 88).

O papel da mulher na sociedade reflete-se na literatura, pois as mesmas situações enfrentadas na vida real também eram enfrentadas na ficção. A imprensa ajudou a consolidar essas ideias, haja vista que sempre colocava as mulheres na solidão, reservadas em suas casas e afazeres domésticos. Durante muito tempo, houve a propagação dessas ideias, tanto que se enraizaram. As próprias mulheres, em sua maioria, começaram a se ver na obrigação de serem submissas.

Porém, no século XIX, surge um autor que revoluciona a trajetória das mulheres na literatura, colocando-as como protagonistas. Este autor é José de Alencar. O escritor cearense é conhecido por tecer “Perfis de Mulher”. Ele descreve suas heroínas da mais bela maneira que possamos imaginar, mesmo que para a sociedade elas sejam vulgares, como é o caso de Maria da Glória, protagonista da obra **Lucíola**. Percebemos que o escritor constrói suas personagens femininas como figuras imaculadas da perfeição, além de serem mulheres bem à frente do seu tempo, capazes de enfrentar todos os problemas da melhor maneira possível.

Com José de Alencar temos a tentativa de quebra desse paradigma no qual se estabelece apenas a novela tradicional, aquela feita apenas para satisfazer os anseios da burguesia, visto que era essa classe que patrocinava e comprava os folhetins. As heroínas dessas histórias traduziam de certa forma a vida da maioria das mulheres burguesas, haja vista que eram pessoas distantes da realidade social, ou seja, da hipocrisia da sociedade capitalista, que só pensava no acúmulo de capital. Em momento algum, percebemos, mesmo que breve, um posicionamento das mulheres acerca desse assunto.

Carolina, da obra **A moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo, é o perfeito exemplo, pois ela foi feita sob esse aspecto, uma moça romântica e ingênua que quer unir-se a um marido e viver feliz para sempre. Na verdade, Carolina é o estereótipo de mulher burguesa, que deveria ser seguido por todas as outras, sem ambição nem vontade própria, apenas viveria para servir ao marido, à casa e aos filhos, além de ser uma mulher extremamente religiosa.

Desta forma, a discussão acima ajudará a entendermos a análise da obra **Senhora** a ser tratada na próxima seção.

### 3 A CONDIÇÃO DA MULHER EM **SENHORA**

A obra **Senhora**, de José de Alencar, publicada no ano 1874, em forma de folhetim, é considerada um dos cânones da Literatura Brasileira.

Em **Senhora**, percebemos claramente a teoria-base do Romantismo, ou seja, o Amor. Em Aurélia Camargo temos um modelo de mulher que, em relação a esse sentimento, é igual às outras moças da época. Ela deposita no amor e no casamento todos os seus anseios e aspirações: uma mulher que acima de tudo quer unir-se ao homem amado, custe o que custar. No fragmento que segue, percebemos essa visão romântica da protagonista:

Não careço dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor, e se o ignora, sua presença aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo o seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a assolou para sempre (ALENCAR, 1992, p. 121)

Em todo o decorrer da narrativa, notamos essa visão romanesca e esse posicionamento em relação ao amor. A protagonista age do início ao fim do livro em função desse sentimento tão forte em relação a Fernando Seixas, quer seja na sua adolescência, quando este promete-lhe casamento e a abandona, quer seja aos 18 anos, quando ela o compra para o casamento. Ou

seja, tudo que ela faz está diretamente ligado a ele. É notório na narrativa que em nenhum momento Aurélia o esquece, pelo contrário, guarda esse amor em seu coração e espera o momento oportuno para mostrá-lo. Uma vez abandonada pelo seu grande amor, simplesmente por dinheiro, Aurélia revolta-se e, graças a seu destino inesperado, recebe uma herança, comprando, assim, o seu próprio casamento. O fato que sucederá será uma lenta e triste vingança, mas que no fim da narrativa constatamos o inevitável, o amor sobrepujará ao ódio, ao rancor e a todos os sentimentos torpes que consomem a alma dos dois mancebos.

Embora Aurélia seja uma moça apaixonada, encontramos nela muitas características que até então não são vistas nas personagens românticas até então descritas nas narrativas. Primeiramente, vale salientarmos que a jovem era uma mulher independente, por mais que tivesse em sua companhia um tutor e uma parenta, nada disso influenciava suas vontades que eram unicamente resolvidas por ela mesma. Vejamos o fragmento da conversa entre Aurélia e seu tutor, Lemos:

Pretendia o velho levar a menina para a companhia de sua família. Ôpôs- se formalmente Aurélia; declarou que era sua intenção viver em casa própria , na companhia de d Firmina Mascarenhas.

- Mas entenda , minha menina, que ainda é menor.

-Tenho dezoito anos.

-Só aos vinte é que poderá viver sobre si e governar-se.

-É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que me dê outro tutor mais condescendente

-Como diz?

-E tais argumento lhe apresentarei, que ele há de atender-me.  
(ALENCAR, 1992, p. 26)

Esse fragmento só faz confirmar o que antes já fora dito, que Aurélia é extremamente capaz e inteligente para administrar sua vida, sua casa e seus negócios e que a presença das pessoas que cuidam dela nada acrescenta a suas preferências. Essas pessoas representam uma mera convenção social pois a protagonista já era madura o suficiente para cuidar do que lhe pertencia.

Outro atributo dado à Aurélia e citado várias vezes durante o livro é o conhecimento que a jovem possui acerca das leis que a asseguram. Não raro, Lemos, seu tutor, tenta convencê-la de assuntos que, para outras moças, seriam impossíveis de compreender, não obstante, para a protagonista são bem simples. Segundo alguns fragmentos do livro, constatamos que ela sabe mais do que seu tutor: “Sei disso, e sei também muitas coisas que ninguém imagina. Por exemplo: Sei o dividendo das apólices, a taxa de juro, as cotações da praça, sei que faço uma conta de prêmios compostos com a justeza e exatidão de uma taxa de câmbio” (ALENCAR, 1992, p. 30).

Conforme Hahner (1981, p. 24), “O homem considerava sua mulher apenas um utensílio de casa, privando-a de educação e de conhecimento do mundo exterior”. Como bem aponta Hahner (1981), as mulheres não deviam estudar. Ouvir uma mulher falar dessa forma, poderia ser considerado ofensa, principalmente devido à sociedade patriarcal até então vigente, que conferia unicamente ao homem a sabedoria. Porém, Aurélia destaca-se por esse conhecimento singular que deixava as pessoas estarecidas. A exemplo dessas pessoas citamos seu tutor que, como descreveu o narrador, “ficou tonto” (ALENCAR, p. 30) ao ouvir tais palavras de Aurélia. A protagonista é o que podemos chamar de exceção à regra, ou seja, ela era a que nesse quesito não se comparava às demais moças, pois tinha toda uma visão diferenciada de mundo, conhecia o exterior que às outras eram veementemente negado.

A capacidade descritiva de Alencar é singular, pois, ao referir-se às particularidades de Aurélia, sua eficiência em engrandecê-la a cada página é superada, haja vista que além de todo conhecimento de leis já citado, Aurélia destacava-se na sociedade principalmente devido a sua capacidade de conversar com autoridades. “E conversa na sala com os deputados e os diplomatas, que eles ficam todos enfeitiçados” (ALENCAR, 1992, p. 20). Assim, percebemos claramente que o autor se preocupou não somente em destacar sua beleza e seus dotes de moça bem-educada que, aliás, constantemente é aludido na obra, mas também fazer referência a essas peculiaridades que eram comuns somente entre homens, pois às mulheres caberiam apenas assuntos concernentes aos afazeres da casa e à religião, conforme discutido na primeira seção deste trabalho: “A mulher cheia de instrução e da religiosidade que lhe é

sempre natural exerceria melhor suas sagradas funções de esposa e de mãe.” (HAHNER,1981, p.102). Sendo assim, as mulheres viam-se obrigadas a estar de acordo com essas características, até porque se não conseguissem um bom casamento, o único lugar que lhes restava seria um convento, sendo freiras ou beatas: “A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam” (ALENCAR, 1992, p. 91).

O fragmento reporta-se ao que já fora mencionado. A superioridade de Aurélia, agora, não somente sobre as donzelas burguesas, mas também sobre os homens. Aqui, a protagonista age de acordo como o pensamento de Beauvoir (1960, p.12) “Por que as mulheres não contestam a soberania do macho?”, conforme discutido na seção anterior. A jovem se sobreleva em relação aos homens e contesta essa visão de que só os homens têm o conhecimento e os reduz ao que geralmente as colocam, como seres inferiores. Esses episódios são recorrentes no livro, a lista de homens superados e humilhados por Aurélia é imensa, a começar por seu próprio irmão, Emílio. Este ao invés de se colocar como homem da casa, para proteger tanto a mãe, como a irmã, sempre esteve acuado, principalmente devido à sua incapacidade de trabalhar, visto que se em algum momento, o pobre rapaz teve um emprego, este, deve-se a Aurélia, que sempre fez todo o trabalho por ele: “Desde então o caixeiro que ia à praça receber as ordens do patrão era o Emílio, mas o corretor que fazia todos os cálculos e operações, ou arranjava o preço corrente, era Aurélia” (ALENCAR, 1992, p. 91). A partir disso e de outras situações, percebemos essa vantagem de Aurélia sobre os homens. Outro homem, que sempre era sublevado à inteligência da moça, era o próprio tio, Lemos, que por muitas vezes tentou enganá-la, mas que, no fim, prevaleceu a superioridade e magnitude da moça.

Uma outra forma que Alencar encontrou para valorizar sua Senhora é a postura que essa mulher tem frente aos relacionamentos, pois ela não se deixa enganar pelos homens. A exemplo disso podemos citar as partes em que Aurélia, ainda pobre, sempre soube lidar com todos os tipos de homens que, em sua maioria, brincavam com os seus sentimentos, a julgar por sua

fragilidade de moça pobre e ingênua. Entretanto, a jovem sempre soube se proteger, usava suas artimanhas para afastar esse tipo de homem, quer fosse em episódios de ridicularização, quer fosse em palavras ou gestos. Quando a jovem enriqueceu, essa percepção ficou ainda mais aguçada, tendo em vista que ela tinha uma opulência ainda mais atrativa que a beleza, o dinheiro: “Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos, o mesmo estalão” (ALENCAR, 1992, p. 17). Sua perspicácia conhece o caráter e as intenções dos homens, ela sabe que uma de suas opulências, o dinheiro, tem o poder de atrair pessoas falsas, mas a jovem sempre encontrava um modo de ridicularizá-las, tachando o preço que cada um valia. Essas brincadeiras de Aurélia incomodavam, não os rapazes a quem Aurélia se referia, principalmente, as senhoras burguesas, que achavam aquelas brincadeiras de Aurélia modos impróprios para uma moça bem-educada. A partir de então, percebemos uma das várias estratégias de Alencar para criticar a sociedade por intermédio da obra. E não é somente neste episódio que Alencar diferencia a conduta da personagem às demais:

Não quer dizer isto dizer que fosse dessa espécie de moças papilionáceas que se alimentam do pólen das flores, e para quem o comer é um ato desgracioso e prosaico. Bem ao contrário, ela sabia que a nutrição dá a seiva da beleza, sem a qual as cores desmaiam nas faces e nos sorrisos nos lábios. (ALENCAR, 1992, p. 23)

Quer seja com simplicidade quer seja com excelência, a protagonista sempre se sobrepunha em relação às outras moças de sua idade que, por sua vez, sempre estarão suscetíveis aos maridos, à sociedade e à igreja católica. Alencar a magnifica de uma tal forma que nenhuma outra mulher alcançará seus traços tão singulares:

Em Alencar o que há não são mulheres, são imagens de mulheres – como em qualquer ficção –, mas imagens idealizadas e distantes da chã e comezinha humanidade cotidiana. Suas heroínas, mesmo quando contraditórias, pairam num plano de idealização que as distancia dos seres humanos normais. Elas são convocadas a

desempenhar um papel: serem exemplos de comportamento social aceitável e inatacável. (RIBEIRO, 1999, p.102).

Concordamos com a afirmação de Ribeiro (1999), pois é justamente isso que acontece com a personagem na obra, visto que suas características e seu comportamento não se comparam às heroínas de outros romances, muito menos de alguma jovem da sociedade burguesa. Em Aurélia, percebemos a voz de várias mulheres que clamam por liberdade e por direitos civis e sociais, mas que têm suas opiniões abafadas por uma sociedade hipócrita que coloca as mulheres nas classes menos favorecidas, rotulando-as como seres incapazes de pensar e agir. Na obra, identificamos fortemente esses traços revolucionários, bem típicos do Romantismo e que através da jovem tomam forma concreta.

A valorização da figura feminina em **Senhora** não se dá por acaso e isoladamente, porquanto tal comportamento da jovem é herdado da sua mãe. Assim como Aurélia faz no momento presente, sua mãe, Emília, também já o fizera no passado com o pai da jovem. Emília ultrapassa todas as barreiras possíveis para ficar com Pedro Camargo. Ela deixou o seio de sua família e foi viver a paixão. Esta se caracterizou como o estopim que causou a separação da família durante muito tempo, vindo a tentativa de reconciliação logo após a fortuna de Aurélia. Entretanto, este não foi o único problema encontrado pela jovem Emília, haja vista que Pedro a amava, porém era fraco e submisso às vontades do pai que, por sua vez, não aceitava tal relacionamento, deixando assim sua esposa largada a própria sorte, com dois filhos pequenos para sustentar. Além do sofrimento pelo abandono da família, viúva, Emília agora se vê mãe solteira, sendo outro problema em meio à sociedade na qual ela vivia. Entretanto, em momento algum da narrativa percebemos arrependimento em Emília, pois ela lutara por seus ideais. Sua única apreensão era ver a filha passar pela mesma situação, porém como ela mesma diz: “Ela também sacrificara por um amor igual, e não podia exigir da filha mais coragem do que ela tivera para resistir aos impulsos do coração” (ALENCAR, 1992, p. 102). Sendo assim vemos em Aurélia o reflexo da mãe, claro que em contextos diferentes, mas o sofrimento pelo amor é o mesmo, porém enxergamos também a altivez de mulheres que se entrelaçam em um mesmo objetivo.

Superar todas as dificuldades para viver de acordo com suas próprias vontades, mesmo que isso seja desonroso perante à sociedade.

Todo sofrimento por causa de Seixas, a pobreza pela qual passara, os dilemas familiares, fizeram a jovem amadurecer muito rapidamente e conhecer as verdadeiras intenções das pessoas, especialmente, no que diz respeito aos homens. Todos esses acontecimentos é que levaram a jovem a tomar certas decisões, principalmente, a de comprar o próprio casamento, acontecimento que conferirá à obra uma das mais belas formas de valorização da figura feminina. Aqui a personagem mostrará o seu lado de mulher forte cheia de amor próprio.

Além de todas as opulências de Aurélia já citadas, não poderíamos deixar de mencionar um dos lados mais inebriantes da jovem senhora, pois com tantas qualidades ainda lhe cabe uma das mais belas e singulares, imperceptíveis até aos homens mais influentes, a filosofia de vida, a sua visão de mundo depois de tudo que ocorrera em sua curta vida, mas que em meio a um paradoxo indefinível, percebemos a grandeza de sua alma, e a incrível destreza com que a jovem se coloca em frente aos desafios de sua existência.

Esquece que desses dezenove anos, dezoito vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou. (ALENCAR, 1992, p. 29)

Tais palavras nos remetem profundamente a triste vida que Aurélia levava e a todo sofrimento passado pela falta de dinheiro que, por vezes, reduzia a pobre moça a falta de dignidade. Em um desses episódios podemos citar a circunstância em que Aurélia encontrava-se com a mãe e o irmão doentes, tal situação a condicionara a aceitar a ajuda dos vizinhos para suprir a necessidade da família. Em outra situação, não menos impactante, vemos a desilusão que a protagonista passara, mais uma vez por dinheiro, agora, ela se vê com seus sonhos destruídos por constatar que seu amor a largara por uma jovem rica. Percebemos o dinheiro como vilão e causa de muitas mazelas na

vida da jovem. Quando se torna herdeira única de seu avô, Aurélia, invés de ficar soberba e mesquinha, transforma tudo em aprendizado, em filosofia de vida, visto que as mudanças ocorridas não foram “[...] no caráter nem nos sentimentos [...], estes eram inalteráveis, tinham a fina têmpera de seu coração. A mudança consumou-se apenas na atitude [...] dessa alma perante a sociedade.” (ALENCAR, 1974, p.85). E estas palavras surpreendiam a quem as ouvisse, uma vez que ninguém espera ouvir tal posicionamento de pessoa tão jovem. O sofrimento faz desabrochar a maturidade, uns a usam como revolta, outros a veem como superação, tirando o máximo de proveito, assim, o fez Aurélia. E essas reflexões seguem por toda a narrativa, como em uma vez que a jovem reflete sobre sua decepção com Fernando “A ferocidade da mulher enganada, sanha da leoa ferida, nunca teve para exprimi-la, nem mesmo na exímia cantora, uma voz mais bramida, um gesto mais sublime” (ALENCAR, 1992, p. 23). Assim como a pobreza e o sofrimento, a decepção também influenciou para o afloramento da percepção de Aurélia. Por mais que seja difícil ver a personagem sofrer e ter sobre si essa triste sina, vemos que sempre operou em Aurélia um espírito bravo e superior, capaz de transformar todo sofrimento em pensamento e atitudes que somente enaltecem seu caráter.

Um momento singular na obra é quando Aurélia se comporta depois do casamento. Logo na noite de núpcias, ela verte sobre Fernando todas as suas angústias e todo o sofrimento que ela passara logo após ser deixada, sucedendo assim uma vingança cruel que faz as duas partes sofrerem. Por um lado Aurélia, uma mulher apaixonada e traída que precisa passar por cima desse amor para que sua postura e o seu amor próprio sejam mantidos. Por outro, temos Fernando Seixas que, a priori, era apaixonado pela protagonista. Ele é corrompido e movido pelas necessidades da sociedade burguesa que influenciava fortemente a vida das pessoas, por mais que as pessoas não tivessem como sustentar as regalias, como era o caso do rapaz, que vinha de uma família humilde e viu em um casamento bem sucedido a chance de estar em um bom lugar socialmente, por mais que sacrificasse seu grande amor.

Essa vingança será o ápice do engrandecimento da figura feminina, uma vez que encontramos na personagem a representação do poder, até

então conferido apenas aos homens. Nas três últimas partes do livro, percebemos claramente a inversão de papéis no relacionamento do casal, aqui, teremos um moço submisso às vontades de sua esposa. Fernando, agora rico, será escravizado pelo que mais ama, o dinheiro, aquilo que outrora fora um prazer, agora será um fardo que ele terá de carregar. Nas últimas três partes do livro, teremos a majestade de Aurélia que fará de tudo para humilhar e castigar Fernando Seixas, seja com palavras ou com ações:

Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não entenderiam [...]. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido (ALENCAR, 1992, p. 80).

O fragmento trata de uma das primeiras vezes que o casal ficou a sós, e na oportunidade, Aurélia, já começara a pôr em prática sua vingança. Vale salientarmos que em momento algum da narrativa teremos uma personagem feminista que quer aniquilar o homem que a abandonou até porque como diz Thiengo (2008, p. 12 ): “A busca de Aurélia parece antifeminina, devido à submissão imposta ao homem”. Entretanto, não há uma inversão de papéis, e sim dominação propiciada pelo poder econômico. No decorrer do livro, percebemos claramente que a ideia de amor não se dissocia do casamento, pelo contrário, notamos até que ponto chega Aurélia. O foco narrativo será justamente na forma como ela se comporta e na maneira como a protagonista realiza a vingança, porque em seu âmago temos uma jovem que, unicamente neste ponto, se parece com as demais moças, ou seja, quer unir-se ao homem amado só que, acima de tudo, há a vontade de redenção dessa alma.

A valorização de Aurélia se dá por causa de seu amor próprio e por ela abdicar a própria felicidade, até porque em vários momentos percebemos esse receio de Aurélia e a vontade de deixar de lado essa vingança para inebriar-se na paixão:

Não! É cedo! É preciso que ele me ame bastante para vencer-me a mim; [...] quando ele convencer-me do seu amor e arrancar do meu coração a última raiz desta dúvida atroz que o dilacera; quando nele encontrar-te a ti, o meu ideal, o soberano de meu amor; quando tu e

ele fores um, e eu não vos possa distinguir nem no meu afeto, nem nas minhas recordações, nesse dia eu lhe pertenço... (ALENCAR, 1974, p.170-171).

Aqui, percebemos a luta com ela mesma para aceitar ou não o amor de Fernando, a angústia de estar perto do homem amado e não poder se entregar a paixão, porém ela vence a si mesma, e permanece na sua posição de mulher forte e valorizada. Por mais que na obra *Aurélia* seja colocada como romântica, vemos que esse posicionamento é superado pelas suas ações.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, que tratou da condição da mulher na literatura e, de forma mais específica, em **Senhora**, buscamos mostrar como as mulheres eram vistas diante da sociedade e, conseqüentemente, como essa visão refletia na Literatura.

Percebemos, ao longo da investigação, que muitos escritores apenas reproduziam para a literatura o modelo de mulher burguesa ideal. Entretanto, um escritor se destaca, José de Alencar, por construir perfis femininos capazes de transgredir as normas da sociedade vigente. Sendo assim ele conseguiu desconstruir uma imagem feminina que durante anos foi perpetuada.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com futuras pesquisas dos acadêmicos do curso de Letras da UVA que tratem sobre a obra de José de Alencar, em especial, **Senhora**.

#### REFERÊNCIAS

ALENCAR, José Martiniano de. **Senhora, perfil de mulher**. Rio de Janeiro: Editora FTD, 1999.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BOSCOLLO, Claudia Besser. **A Moreninha e Senhora: Dois Perfis de Mulheres Românticas da Literatura Brasileira**. São Paulo. Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANTELE, Bruna R. **História dinâmica do Brasil**. São Paulo: IBEP. 1996

Coutinho, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2004.

FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA. 2002.

HAHNER, J. E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. Niterói: EDUFF, 1996.

ROCHA, AS; BERNARDO, D. G. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e afazeres. *In*: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. (Org) **Metodologia e técnicas nas áreas de ciências humanas**. Maringá: EDUEM, 2001.

THIENGO, Mariana. **O perfil de mulher no romance Senhora, de José de Alencar**. Paraná: Travessias. 2009.